

Nacional

6con - Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

“As oposições precisam estar preparadas para a eventualidade do poder”

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

A inexistência de um programa coerente de política econômica alternativa, como proposta que resuma o pensamento dos partidos de oposição, é a grande preocupação do economista e professor da Universidade de Brasília (UnB), Décio Garcia Munhoz. “As oposições podem deparar-se com a situação de assumir o poder sem ter à mão um projeto econômico consistente e, portanto, correm o risco de repetir no Brasil o drama vivido hoje na Argentina pelo governo do presidente Raúl Alfonsín”.

Por isso mesmo, Décio Munhoz propõe uma mesa-redonda para que os economistas de algum modo ligados às teses oposicionistas possam refletir, em primeiro lugar, sobre os diagnósticos da situação econômica do País. “Na verdade, as contribuições têm sido individuais e restritas, cada uma delas com um diagnóstico diferente, o que significa que não há proposta alternativa.”

Observa que o Brasil caminha, na pior das hipóteses, para um governo de transição com algum tipo de compromisso com as oposições e, neste quadro, os partidos têm de dispor de uma proposta para apresentar de modo a marcar posição. Esta definição, no seu entender, já se torna urgente: “Se os partidos oposicionistas não se preocuparem, a nível de suas lideranças, em colocar a questão em debate, passam a demonstrar que não estão capacitados para assumir o poder”.

INDEFINIÇÃO

Como resultado da indefinição, alerta Munhoz, existe uma séria possibilidade de os governos de oposição verem-se impelidos a recorrer aos fundamentos dos modelos ortodoxos por falta de outra proposta viável. “Chega a ser um contra-senso esperar 20 ou 25 anos pela possibilidade de mudar a política econômica e chegar ao poder sem nenhuma alternativa”.

Acredita que as proposições conflitantes levanta-



Décio Garcia Munhoz

das por economistas da oposição em cima dos desacertos das medidas econômicas de 1982 e de 1983 tenham, de certo modo, influído para que estes acadêmicos atentassem para o fato de que muitos dos diagnósticos se mostraram frágeis para interpretar os novos fenômenos e contribuído para um aprofundamento das reflexões. Isto, segundo ele, talvez explique o porquê destes economistas estarem ultimamente mais retraídos.

DISCUSSÕES

Além disso, o professor da UnB, especializado em economia brasileira no contexto das relações externas, destaca que as discussões normalmente acendem quando ocorrem as grandes mudanças de comportamento dos fatos econômicos. “Como os indicadores não pioraram, o País vive no momento a ilusão de que a situação da economia está melhorando.”

A isto, é claro, soma-se a prioridade que se dá hoje à discussão do fato político na busca de uma saída para a questão sucessória. Definitivamente, Munhoz não acredita que propostas econômicas levantadas pela oposição tenham condições de se encaixar no bojo da negociação política presumivelmente em curso. “Uma nova orientação de política econômica depende da mudança de governo e, antes de tudo, é preciso que se defina o papel do Congresso Nacional e que ele se restitua o poder perdido desde 1964.”